

Teatro Estreia

‘O Capote’ trata da relação entre o comando e a submissão na sociedade

Estruturas de poder

Ubiratan Brasil

“Todos nós saímos do *Capote* de Gogol”, afirmou, certa vez, o escritor russo Fiodor Dostoiévski (1821-1881). Ele se referia ao conto *O Capote*, de Nikolai Gogol (1809-1852), que teve um papel de destaque no desenvolvimento da literatura russa a partir do século 19 por causa de seu cunho social. A forma como ele trata a relação entre a condição humana e as imposições da sociedade sempre fascinou o ator Rodolfo Vaz, que, depois de contagiar uma legião de amigos com sua disposição de levar a história para o palco, estreia hoje *O Capote*, no Centro Cultural Banco do Brasil.

Trata-se de uma versão com toques modernos do clássico texto escrito em 1842. Vaz interpreta Akaki Akakievitch, escrevente de uma repartição pública de São Petersburgo que precisa se submeter a severas restrições a fim de conseguir economizar dinheiro para comprar um novo capote. Ao longo do doloroso processo de privação, ele é assediado por dois homens (Rodrigo Fregnan e Marcelo Villas Boas), que explicitam os vícios e abusos do interior de sua alma, humilhada e atravancada por emoções contraditórias.

“A ironia do texto original migra para os narradores”, conta a diretora Yara de Novaes, que já

trabalhou antes com a obra de Gogol, em *O Inspetor Geral*. “Eles trazem a voz do nosso tempo.” A decisão de incluir novos personagens modificou uma possibilidade de a peça ser um monólogo, em versão criada por Drauzio Varella. A aproximação do médico e escritor ao projeto começou há, pelo menos, seis anos.

Na época, Vaz participava da peça *Por Um Fio*, inspirada em obra de Varella e também interpretada por Regina Braga. “Certa noite, durante um jantar, comentei com ele meu desejo de montar um espetáculo inspirado no conto *Capote*”, conta o ator. “Ele não pensou duas vezes e disse: ‘vou adaptá-lo para você’.” Na data combinada, Vaz recebeu o presente: o dilema vivido por Akaki, um dos pilares do realismo russo do século 19, foi habilmente transformado em um monólogo.

Mesmo feliz com o trabalho, o ator não conseguiu dar início ao projeto. O tempo passou e, ao surgir a oportunidade de montar no Centro Cultural Banco do Brasil, a ideia ganhou força. “Quando um artista escolhe esse ou aquele texto para uma adaptação teatral, a escolha se dá primeiro porque aquela obra gera grande prazer estético e filosófico e também porque ela tem a vocação para ser matriz de um processo muito livre e amplo de criação teatral. Um processo que, do começo ao fim, terá os genes daqueles artistas que compõem o coletivo teatral”, comenta Rodolfo Vaz.

Ele se uniu aos colegas Rodrigo Fregnan e Marcelo Villas Boas, além da diretora Yara de Novaes. Juntos, decidiram que o texto incorporaria mais personagens – na verdade, narradores que fizessem a passagem temporal entre o século 19 e os dias atuais. Assim, seria preciso adaptar o texto de Drauzio Varella, o que foi feito por Cássio Pires. “Além dessa atualização, o projeto incluiria também uma musicista que se apresentaria ao vivo e projeções de vídeos”, conta Pires. “Como grande admirador da obra de Gogol, não poderia desvirtuá-la. Assim, propus transferir o problema de Akaki para os dias de hoje, ou seja, manter a narrativa sob o olhar arguto e sensível de Gogol, mas com uma ambienta-



JOÃO CALDAS/DIVULGAÇÃO

Jogo. A narrativa transita entre o cômico e o trágico

ENTREVISTA

Drauzio Varella
Médico e escritor

‘Personagem faz uma opção pela sombra’

● **Como o senhor reage a cada leitura de *O Capote*?**
É um conto que já li, pelo menos, cinco vezes. E, na primeira, fiquei completamente chocado. Ficou muito claro para mim a evidência da frase de Dostoiévski de que todos somos filhos de Capote. Sempre gostei da obra de Gogol e, com *Capote*, minha admiração aumentou.

● **Como avalia o texto?**
É uma narrativa fácil e trata de um homem que leva uma vida cotidiana sem filosofia, o que se reflete na sua situação.

● **Ao adaptar o texto para o teatro, o senhor fez um monólogo. Já Cássio Pires, a pedido do elenco, acrescentou dois narradores. O que achou do resultado final?**
Cássio fez algo sensacional, pois, aos poucos, o espectador entende com naturalidade a presença daqueles dois narradores, que acrescentam inquietações modernas a um texto do século 19. Também fico impressionado com a interpretação de Rodolfo (Vaz) como Akaki – se esse personagem existir de fato, certamente é como o Rodolfo.

● **De fato, é um personagem muito rico. Como o senhor o analisa?**
Ele é muito rico, porque certamente todos nós conhecemos mais de um Akaki na vida. Sua insegurança o faz não querer correr perigo algum. Sua opção pela sombra faz com que tenha uma rotina segura, sem ousadias. Aliás, para Akaki, viver sem qualquer ousadia é a melhor opção. /U.B.

ção moderna.”

Para que a coerência fosse mantida, sem que a união de passado e presente causasse estranheza, o grupo iniciou um precioso trabalho de imersão, simpaticamente chamado de Vestindo o Capote – o início dos ensaios coincidiu com uma série de encontros com quatro estudiosos de áreas distintas, dispostos a falar sobre o conto e sua forma satírica de retratar a Rússia do século 19.

A professora e pesquisadora russa Elena Vássina comentou o texto com foco nas referências escolhidas por Gogol, elementos escolhidos por ele para a narrativa; já o filósofo Mario Sergio Cortella caminhou para uma discussão mais filosófica, passando por conceitos etimológicos; enquanto o teatrólogo Fernando Bonassi trouxe provocações para o aspecto drama-

túrgico; e, por fim, a diretora Cristiane Paoli Quito trabalhou com os atores uma visão física do texto, no corpo dos intérpretes.

“Ela ajudou muito na composição clownesca do personagem do Rodrigo e sua dificuldade de relacionamento com seu entorno”, explica Yara. “Essa fase do processo trouxe uma certeza sobre a montagem: Akaki não é um sujeito que conta a própria história, os outros não permitem isso, a identidade do Akaki é dita por outros, foi essa descoberta que nos levou a inserir os dois narradores.”

Para Cássio Pires, os encontros permitiram ainda definir a relação de poder e submissão que se estabelece entre Akaki e seus dois colegas que, na verdade, podem ser vozes martelando sua consciência. “O que me atrai no texto de Gogol é o pon-

O CAPOTE
CCBB

Rua Álvares Penteado, 112. Telefone: 3113-3651. Sáb. e 2ª, 20h. Dom., 19h. R\$ 5 / R\$ 10. Até 21/9. **Estreia hoje, 24**

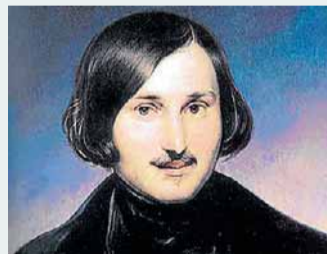
to de vista do narrador, ou seja, alguém do interior questionando a cidade grande”, diz o dramaturgo. “E que os narradores fazem com Akaki seria hoje interpretado como bullying”, completa Rodrigo Fregnan.

De fato, o texto de Gogol sobre uma pessoa comum despon-ta como uma meditação sobre a identidade e estabelece uma espécie de diálogo subterrâneo entre o romance moderno e a subjetividade. Essa relação é acentuada pela videoarte projetada em cena e criada por Rogério Velloso e a música criada por Dr Morris e interpretada também ao vivo por Sarah Assis. “A história pode ser desdobrada de várias formas”, observa Velloso, que recebeu o aval de Yara de Novaes. “O que realmente me interessa são as várias instâncias narrativas aqui reunidas: teatro, vídeo, música, cenário.”

QUEM É

NIKOLAI GOGOL
ESCRITOR

* Nasceu em 1809 em uma região hoje ocupada pela Ucrânia. Construiu obra fundada no realismo, com toques até surrealistas. É autor de *O Nariz*, *O Capote*, *O Inspetor Geral*, *Taras Bulba* e *O Diário de um Louco*. Morreu em 1852.



Realização:

db2
EVENTOS

A AVENTURA COMEÇA
AMANHÃ.

PARQUE SHOPPING MAIA

— APRESENTA —

Dragões

EXPOSIÇÃO

— EVENTO GRATUITO —

25/7 A 23/8

EMPREENHIMENTO GeneralShopping

parqueshoppingmaia.com.br

Av. Barrolomeu de Carlos, 230 | Guarulhos | SP

ParqueShopping

MAIA